

O Profissional do Futuro | Michelle Schneider | TEDxFAAP

Canal: TEDx Talks

Link: https://www.youtube.com/watch?v=9G5mS_OKT0A&ab_channel=TEDxTalks

Alguns anos atrás, eu estava na ponte aérea, voltando do Rio de Janeiro em uma semana particularmente difícil. Era uma época que eu não me alimentava bem, não dormia bem. Eu vivi uma das épocas mais difíceis da minha vida profissional.

Quando eu entrei no avião e sentei, fiz o óbvio, abri o computador para trabalhar.

Logo a aeromoça vem me pedindo para fechar dizendo que eu vou estava lotado e que não era permitido, na verdade, dizendo que eu estava na saída de emergência e que não era permitido o uso de computadores.

Eu tentei mudar de assento, obviamente, mas eu voou estava lotado.

E então, como de costume, já estava pronta para colocar o meu fone de ouvido quando escutei a seguinte frase.

Por que você não aproveita esses 40 minutos para você?

Eles não vão mudar nada na sua vida.

Quando eu virei um homem simpático, sorriu e continuou dizendo.

Sabe que eu já mudei do Brasil faz um tempo, mas me assusta cada vez que eu venho para cá ver as pessoas trabalhando e vivendo nesse ritmo e ver que eu vivia exatamente assim.

Eu fiquei envergonhada, tentei jogar um assunto para o esporte, maratona, bicicleta, mas logo ele me perguntou.

E o computador hein O que que tem nele de tão importante?

Eu contei que trabalhava no LinkedIn e ele me perguntou se eu conhecia o Oswaldo, que era o nosso, se eu, na época eu disse claro, de onde você conhece ele? Então ele me disse, eu vim desse mercado.

Fui eu que trouxe o Google e Facebook para o Brasil.

Gente, eu fiquei desesperada.

Mil conexões passaram na minha cabeça. Pessoas, frases, notícias. Eu sabia quem tinha trazido o Google e o Facebook para o Brasil.

Esse cara era uma referência para mim.

Mesmo super empolgada, aquele momento contigo é a surpresa agir naturalmente e disse a você é, Ohagen, e ele disse sou.

O fato de não saber quem era ele me deixou mais à vontade para ser eu mesma, pelo menos até aquele momento, não é?

A gente falou sobre diversos assuntos, startups, empreendedorismo, projetos sociais, Google, Facebook, Instagram. Podia dizer que eu tinha ido pra Europa, mas já chegando em São Paulo eu pensei, o que eu poderia perguntar para esse cara que, de alguma forma poderia mudar a minha carreira?

Então criei coragem e disse, o que você olha antes de contratar alguém?

Entendendo que ele deveria ter contratado um time muito bom para essas empresas estarem onde elas estão hoje, e ele me disse que olhava basicamente 5 coisas, mas que tinha uma que chamava muita atenção dele. Que era entender quem era aquela pessoa fora do ambiente de trabalho.

Ele me contou, então um caso de quando ele contratou uma pessoa para o Google para área financeira, que era um palhaço fora do escritório e disse que aquilo tinha chamado muito a atenção dele.

Eu aproveitei e contei aqui no LinkedIn todos os meses a gente tem uma reunião com todos os funcionários da empresa em que os novatos tem que ir lá na frente se apresentar e contar algo que não está no perfil do LinkedIn deles. Era uma maneira parecida de descobrir essa habilidade.

E já na fila do táxi, nos expedindo, então, ele me perguntou e me diz hein, o que é que não está no seu perfil do LinkedIn? Eu fiquei um pouco sem graça, não sabia muito o que falar e acabei contando sobre um hobby novo que eu tinha na época e disse que era DJ. O que eu não podia imaginar é que ele ia virar super empolgado e dizer mentira. Eu também sou DJ.

E foi nesse dia, no caminho de volta para casa, que eu comecei a pensar sobre o profissional do futuro.

Na verdade, mas ainda sobre eu como uma profissional do futuro.

Não é novidade para ninguém que a tecnologia está mudando o mundo e nos levando para um futuro ainda desconhecido nos próximos anos, a inteligência artificial vai excluir centenas de milhares de pessoas do mercado de trabalho e esse é um problema em escala global que vai afetar a economia de todos os países.

E se por um lado já existe um movimento para esse assunto, me assusta ver que a maioria das pessoas não fazem ideia sequer, do tamanho dessa ruptura tecnológica que está para acontecer. E eu não estou falando de algo que vai acontecer daqui 200 anos. É uma mudança que já começou e vai se intensificar demais nos próximos 10 ou 20 anos.

A substituição de emprego por robôs e softwares tem sido tema de diversos estudos e um deles, da Universidade de Oxford, aponta que aproximadamente 47% dos empregos tendem a desaparecer nos próximos 20 anos.

E aqui não estou falando só de motoristas, operadores de telemarketing e corretores.

Professores, médicos e advogados também estão nessa lista.

Já no mundo das disputas judiciais, todos os anos mais de 60 milhões de desacordos entre comerciantes do eBay são resolvidos através de resolução de disputas online, ou seja, robôs a invés de advogados e juízes.

E se a gente pensa que só nós, profissionais, vamos ser transformados em robôs? O Vaticano concedeu a primeira licença digital a um aplicativo chamado confissão, que vai ajudar as pessoas

a se prepararem para se confessar. E eu fico imaginando como será que vai ser se confessar para um robô padre?

Pois é, se de um lado a gente tem esses milhões de empregos desaparecendo, é claro que, diante dessa nova economia, muitos novos empregos vão surgir.

Mas existe um ponto importante aqui. Se a gente olhar para a trajetória da revolução industrial quando os humanos foram substituídos pelas máquinas, isso geralmente aconteceu em trabalhos de baixa qualificação.

Quando a gente não precisava mais dos trabalhadores agrícolas, que representavam 80% do mercado de trabalho na época, eles passaram a ocupar as vagas nas indústrias que estavam surgindo. Ou seja, eles deixaram de arar a Terra e passaram a apertar parafusos nas linhas de montagem.

Quando esses empregos das linhas de montagem começaram a ser automatizados também, eles passaram da linha de montagem para serviços de baixa qualificação, que é onde essas pessoas estão hoje, ou seja, até que a gente sempre deu um jeito, né? Agora, quando as pessoas dizem que haverá novos empregos do futuro e que os humanos podem ser melhores do que a inteligência artificial e que os humanos podem ser melhores do que os robôs, essas pessoas geralmente pensam em trabalhos de alta qualificação, com pessoas que vão trabalhar com robótica, com gameficação, com realidade aumentada.

Eu não vejo como motorista de caminhão desempregado aos 50 anos que perdeu seu emprego para veículos autônomos, nem como um caixa de supermercado que não teve oportunidade de estudo, vai se reinventar diante desses empregos do futuro, que vão exigir uma alta qualificação.

E isso faz com que o mundo caminhe para uma desigualdade jamais vista antes, uma vez que os mais afetados serão essas pessoas de baixa qualificação e de baixa renda.

E aí, o que que a gente faz com tanta gente que vai ficar sem emprego?

Muita gente que diz que a solução para isso é a possibilidade de se criar uma renda básica universal, ou seja, oferecer uma renda básica para qualquer adulto, independente dessa pessoa, trabalhar ou não.

Eu confesso que eu fiquei um pouco chocada. A primeira vez que eu ouvi falar nesse assunto, mas ele vem ganhando cada vez mais novos adeptos, inclusive grandes nomes do vale do Silício, como Mark Zuckerberg, Yellow Minsky.

Essa iniciativa é vista como uma forma de compensar o desemprego gerado pela automação.

Só que aqui não está claro que é universal, nem o que é básico.

Quando a gente fala a renda básica universal, a gente pensa, na verdade, um problema de forma nacional, para um problema que é global.

E eu vou dar um exemplo aqui para a gente entender melhor isso.

Imaginem vocês que a inteligência artificial e as impressoras 3D vão excluir milhões de trabalhadores escravos em Bangladesh?

Quem vai pagar a renda básica deles?

Será que os Estados Unidos e Europa vão recolher imposto do Google, da Amazon, da Apple, e vão usar esse dinheiro para pagar a renda básica dos bengaleses?

Eu não sei se o que que vocês acham disso, mas eu particularmente não acho que isso vai acontecer.

E aqui também não está claro o que é básico, quando a gente fala em renda básica universal.

O que é básico para vocês?

Quais são as necessidades básicas do ser humano?

Algumas pessoas vão dizer que alimento e abrigo são suficientes.

Já outras vão dizer educação, tem que fazer parte desse pacote.

Mas se a gente falar de educação, de quanto tempo a gente está falando?

6 anos, 12 anos. PhD.

Quando as pessoas perdem a sua empregabilidade, a única coisa que vale se restar é a renda básica universal.

Então, o que compõem essa cesta é uma questão ética muito delicada.

A gente está falando do provável surgimento de uma enorme classe de pessoas ociosas.

E aí eu fico pensando.

Será que essas pessoas que reclamam tanto do trabalho vão ficar felizes com essa possibilidade?

Ou será que doenças como estresse, depressão, obesidade e até suicídio vão se agravar ainda mais diante dessa falta do que fazer?

Então como a gente se prepara para esse mundo que a gente nem sabe ainda bem qual vai ser?

Afinal, quais são os empregos do futuro detetive de dados? Psicólogo de robôs?

A verdade é que não tem essa resposta, não sei dizer quais são os empregos do futuro. Eu acho que talvez ninguém ainda tenha essa resposta.

Do mesmo jeito que 10, 12 anos atrás, a gente não sabia que iam existir youtubers, motoristas de Uber, desenvolvedores de aplicativo, jogadores de League of Legends, a gente também não tem como dizer quais serão os empregos do futuro.

65% das crianças que estão no ensino médio hoje vão trabalhar em um emprego que ainda não existe.

Mas então como que essas escolas e essas universidades se preparam diante de um futuro tão incerto?

Eu já estive algumas vezes no vale do Silício visitando as universidades mais inovadoras de lá.

Eu visitei Universidades em Campos, Universidade sem professores, colégios para crianças superdotadas que aprendem através de projetos com impressoras 3D, corte a laser. Eu fui numa Universidade do Google com a nasa, que fica dentro da nasa e vi muita coisa muito legal, é muito interessante, mas uma das que mais me chamou atenção foi uma escola chamada Minerva

School. Em que a, além de várias coisas super legais que eles têm, eles têm um foco muito grande em desenvolver as habilidades comportamentais de seus alunos.

Foi lá uma das primeiras vezes na vida que eu ouvi dizer que as habilidades do futuro não serão as habilidades técnicas, e sim as habilidades comportamentais. E uma vez que, com a inteligência artificial, os robôs poderiam aprender quase qualquer habilidade técnica que a gente tem hoje. Mas ao menos não tão cedo, poderiam desenvolver suas habilidades comportamentais.

O World Economic fórum reforçou esse site quando ele citou e apresentou ali quais serão as 10 habilidades mais importantes para o profissional do futuro e confirmou que todas elas, sem exceção, serão habilidades comportamentais e não técnicas.

Em outras palavras, para ser bem-sucedido, esse profissional do futuro vai ter que saber como pensar e não mais o que pensar.

A maioria das escolas das universidades hoje nos ensinam o que pensar e não como pensar.

A gente cresceu ouvindo dos nossos pais, dos nossos professores, dos nossos chefes e da sociedade em geral, o que era certo e o que era errado. E diante de um modelo linear industrial como aquele, se a gente fizesse o que era certo, a gente tinha uma chance muito grande de sermos bem-sucedidos.

Já na era digital, decorar nomes e fórmulas já não faz mais sentido.

As respostas estão prontas na internet.

Isso não quer dizer que a gente não vai ter que se desenvolver tecnicamente, a gente vai sim ter que desenvolver essas habilidades e a chance delas estarem ligadas a tecnologia, a codificação é enorme.

Porém, a velocidade da mudança das coisas vai ser tão grande que essas habilidades técnicas vão ter um prazo de validade muito curto.

Em outras palavras, esse profissional do futuro, então, vai ter que ser um long life learner, ou seja, ele vai ter que aprender para sempre.

Aquela história de que a gente vai estudar até os 20 e poucos anos e a gente vai entrar no mercado de trabalho e a gente vai fazer algumas pequenas pausas para um MBA, para uma pós graduação. Não vou mais fazer nenhum sentido diante dessa nova economia.

Dizem, inclusive, que esse profissional do futuro vai ter aproximadamente até 5 carreiras ao longo da vida.

Isso se elas não acontecerem ao mesmo tempo.

O futurista Alvin Toffler disse que o analfabeto do século 21 não será que ele, que não sabe ler e escrever? Sim, aquele que não souber aprender a desaprender e a reaprender.

É claro que isso tudo são possibilidades, mas o que eu sinto é que, independente do que vai acontecer no futuro.

Nós humanos, hoje, estamos ficando cada vez melhores em compreender o cérebro e a inteligência, mas a gente está evoluindo cada vez menos a nossa consciência.

E as pessoas confundem inteligência e consciência.

Inteligência é a capacidade de resolver problemas e consciência, a capacidade de sentir.

A gente está criando inteligência artificial, mas a gente não está criando consciência artificial.

Dizem que no ano de 2029, o computador vai se tornar tão inteligente quanto nós, seres humanos.

E que em 2045, o único computador vai ser mais inteligente do que toda a humanidade junta.

Porém, não há nenhum indício de que esse de que esses computadores vão se tornar conscientes, ao menos tão cedo. Eles não vão poder sentir.

E se é isso que vai diferenciar a gente dos computadores, isso que vai diferenciar a gente dos robôs, a gente tem que começar a desenvolver mais a consciência humana.

A gente está cada vez mais desenvolvendo o nosso externo, esquecendo de olhar para dentro da gente.

Cada vez mais nos é cobrado que a gente seja o melhor profissional, o mais bem-sucedido, o mais inteligente, mais competitivo. Mas ninguém ensina a gente a lidar com as nossas emoções.

E se a gente não aprender e não entender que a Felicidade não está em ter? E sim em ser, a gente vai continuar criando mais e mais robôs humanos. Pois não é preciso ser um robô, para agir como um?

Então, hoje, quando eu penso quem será o profissional do futuro? Quem serei eu como profissional do futuro?

Para mim, o profissional do futuro vai sim, desenvolver as habilidades externas.

Mas se ele não desenvolveu esses quilos internos e conseguir equilibrar isso dentro dele, a chance de ele viver uma vida medíocre, infeliz, será muito grande.

Em outras palavras, ser humano, o profissional do futuro nada mais é do que um ser humano do futuro.

E hoje quando me perguntam o que é que não está no meu perfil do LinkedIn?

Eu digo que além de ser DJ, eu venho acordando de anos em que eu vivi anestesiada. Eu levei anos para perceber que eu era uma perfeita ninguém. Que eu respondia as demandas da sociedade, as demandas do meu trabalho, as demandas da minha família, menos as minhas. Até porque eu não tinha a menor ideia de quais eram as minhas próprias vontades. Se não atender as expectativas dos outros.

E hoje quando me perguntam o que é que me fez acordar de tudo isso?

Foi o amor.

O amor em perceber e descobrir e aceitar a beleza das minhas próprias imperfeições.

E vocês?

O que é que não está no seu perfil do LinkedIn?

Obrigada.